

UMA IDEIA QUE DEU CÉRIO

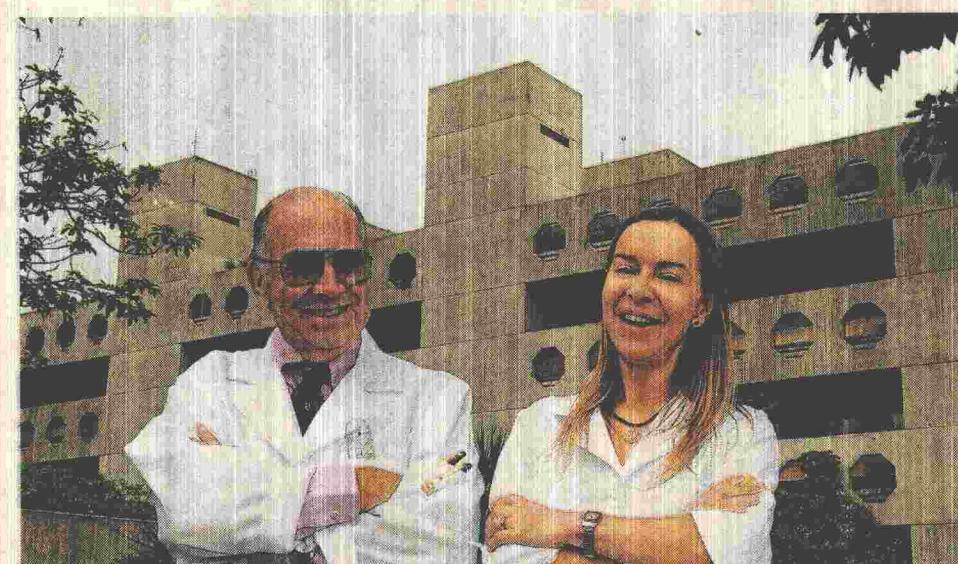
O HOSPITAL SARAH

BASEADO EM MODELO INGLÊS DE SAÚDE PÚBLICA, O HOSPITAL QUE COMPLETA 30 ANOS É UMA REFERÊNCIA EM MEDICINA ORTOPÉDICA E REABILITAÇÃO DE POLITRAUMATIZADOS; A REDE CALOU OS CRÍTICOS DA MEDICINA BRASILIENSE

Fotos: Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



Iranildo tem 11 títulos brasileiros e quatro sul-americanos de tênis de mesa: atleta agradece o tratamento do Sarah



Campos da Paz e Lúcia Braga, atual diretora do Sarah: confiança no sistema de reabilitação que estimulou apoio para criação de unidades em várias capitais

DANIELLA JINKINGS
ESPECIAL PARA O CORREIO

Nas primeiras décadas de vida da capital, muitos diziam que o melhor médico de Brasília era a ponte aérea. Mas, no decorrer destes 50 anos, esse preconceito se pulverizou. A capital hoje é referência internacional em saúde. Graças à Rede Sarah Kubitschek, uma instituição dedicada à reabilitação de pessoas com politraumatismos e problemas locomotores. Assim como a cidade, a rede surgiu de um ideal e atualmente atende pacientes de todo o Brasil gratuitamente. Em virtude da competência de seus profissionais, adquiriu respeito nacional e hoje há filiais em Belém, Belo Horizonte, Fortaleza, Macapá, Rio de Janeiro, Salvador e São Luis, recebendo anualmente cerca de 1,7 milhões de pessoas.

O desenvolvimento desse sistema de saúde de excelência só foi possível pela determinação do médico Aloysio Campos da Paz Júnior. Assim como Juscelino Kubitschek, Campos da Paz idealizou e colocou em prática um projeto ambicioso, fruto do seu curso de doutorado na Inglaterra e de suas experiências no Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek. "Eu vi que Brasília era o campo ideal para o desenvolvimento de um programa semelhante àquele que eu tinha vivenciado nos chamados anos de ouro do serviço nacional de saúde na Inglaterra", relata o médico.

Assim como o sistema inglês da década de 60, a rede Sarah é pública e de bom nível, na qual todos os médicos trabalham em tempo integral e em regime de dedicação exclusiva. Além das oito unidades, a instituição tem um centro de pesquisas com trabalhos de cooperação internacional e um polo de desenvolvimento tecnológico, onde são criadas as adaptações, próteses e aparelhos que facilitam a locomoção e reabilitação dos pacientes.

Cada filial da rede tem uma característica própria e o ambiente hospitalar é concebido de acordo com as peculiaridades da região onde a unidade está inserida. Além disso, há perfeita integração entre o projeto arquitetônico, os diversos programas de reabilitação e os princípios de organização do trabalho. O resultado disso são os ambientes organizados, com espaços amplos, jardins e varandas, que buscam humanizar os tratamentos.

PROJETO CUSADO

Inaugurada em 1980, a rede hospitalar é fruto da união da Fundação das Pioneiras Sociais, do Hospital das Doenças do Aparelho Locomotor e do Centro de Recuperação Sarah Kubitschek, chamado carinhosamente de Sarinha, fundado em 21 de abril de 1960. O projeto, escrito por Campos da Paz, na década de 70, foi entregue ao então ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso. O médico, que deixou a direção e atualmente ocupa o cargo de cirurgião-chefe da rede, diverte-se ao lembrar da ocasião, pois estava entregando um projeto de cunho socialista em plena época ditatorial. "Tinha dois caminhos, ou o projeto era aprovado ou a gente era preso, porque ele começava com uma contestação muito forte de todo o sistema de saúde pública do país", recorda.

Mesmo sendo um hospital especializado, o Sarah possui como filosofia um tratamento humanizado, privilegiando a capacidade dos pacientes. De acordo com a médica e atual diretora da rede, Lúcia Willadino Braga, uma das formas disso ocorrer é promovendo a integração dos familiares no meio hospitalar. "Aqui, a gente procura tratar as pessoas como sujeito e não como objeto. Trabalhamos com o potencial dos pacientes e com a participação da família", explica.

De acordo com o servidor público Daniel de Albuquerque Violato, 29, ex-paciente, esse con-

tato é fundamental para o sucesso do tratamento. "Você dorme e acorda com pessoas do seu lado. Pode bater papo e quando acabam as atividades todo mundo fica junto, essa troca de experiência é fabulosa", comenta. Ele ingressou no Sarah dois meses após um acidente durante um mergulho em águas rasas no Rio de Janeiro. A le-

são na medula o deixou tetraplégico. Ele conta que chegou ao hospital sem perspectivas, mas aos poucos foi aprendendo a viver com suas limitações. Hoje, seis anos depois do trauma, o servidor público, formado em filosofia e direito, dedica-se também à natação, prática iniciada durante o tratamento de reabilitação.

TERAPIAS CRIATIVAS

O esporte também faz parte de todo o processo da terapia desenvolvida no hospital. Os pacientes têm acesso a várias modalidades esportivas, dependendo da gravidade da lesão. Isso foi determinante na vida do ex-paciente e o atleta paralímpico Iranildo Espíndola, 39. Foi no Sarah que ele teve contato pela primeira vez com o tênis de mesa. No início do tratamento, em função da tetraparesia, Iranildo não conseguia segurar a raquete, o que só ocorreu após utilizar uma adaptação. "Logo a fisioterapeuta falou sobre a oficina ortopédica e as adaptações para amarrar a mão à raquete. A partir daí, comecei a brincar e gostei, os professores foram incentivando e eu comecei a treinar profissionalmente", lembra.

O brasiliense já conquistou 11 títulos brasileiros e quatro sul-americanos de tênis de mesa. Além disso, já participou de quatro pan-americanos e duas paralimpíadas — a de Atenas e a de Pequim, na qual atingiu a quinta colocação.

Em 2001, o músico Herbert Vianna sofreu um acidente de ultraleve que mudou sua vida, pois sofreu graves lesões na medula e no cérebro. Além do tratamento de reabilitação convencional, os médicos do Sarah também usaram a música para ajudar Herbert a recuperar a memória. Em entrevista ao Correio Braziliense em 2003, o músico afirmou que se surpreendeu. "Aqui (no Sarah) eles dão o remédio com uma colher tão especial, sensível, do bem mesmo, que funciona no corpo. Isso nos faz ter outra atitude sobre o futuro. Nos prepara para quando chegarmos aos 80 anos."

O Sarah também faz parte da vida de pessoas que já conseguiram se readaptar. O advogado João Carlos Diaz, 50, veio de São Paulo para complementar o tratamento. Ele, que sofreu um acidente de motocicleta em 2005 e ficou paraplégico, leva uma vida independente, dirige um carro adaptado e pratica esportes. "Vindo para cá eu consigo melhorar tudo aquilo que eu faço. O pessoal daqui nos direciona para ter uma vida mais fácil. O tratamento é fantástico, eles procuram deixar a gente o mais em casa possível", afirma o paciente, que chegou ao hospital na Páscoa.

Já para a estudante paranaense Emanuelli França Pasqualotto, 22, não há lugar como a rede de hospitais da capital. "Eu já fiquei em hospital do SUS e em hospital particular, mas não se pode comparar o Sarah com nenhum dos dois", diz. Em 2007, ela sofreu um acidente de carro, a lesão não era tão grave, mas, após uma cirurgia malsucedida, ficou paraplégica.

Esta é a quarta vez que a mãe de Emanuelli, Jocênia França Pasqualotto, 45, acompanha a filha no Sarah. Segundo ela, a equipe sempre inclui as famílias no tratamento. "Eu considero excelente o trabalho dos profissionais, acredito que seja uma referência nacional para um hospital de reabilitação. É totalmente diferenciado de qualquer hospital que eu conheço", defende.

**QUEM FOR A
BRASÍLIA PODE
GOSTAR OU NÃO
DOS PALÁCIOS,
MAS NÃO PODE
DIZER QUE VIU
ANTES COISA
PARECIDA. E
ARQUITETURA É
ISSO – INVENÇÃO”**

OSCAR NIEMEYER